

O CENTENÁRIO DA ENTRADA DO BRASIL NA I GUERRA MUNDIAL

Gustavo de Freitas Araújo¹

RESUMO

Analisaremos como se deu a participação brasileira na I Guerra Mundial. Tal fato consiste em um fenômeno pouco estudado e conhecido. Apesar de ter sido de pequena envergadura, a entrada e a participação do país na I Guerra Mundial trouxe consequências para a nação e serviu de preparação para uma atuação mais efetiva do Brasil em outro conflito de escala global: a II Guerra Mundial.

Palavras-chave: I Guerra Mundial, História Militar, Batalhas.

1 INTRODUÇÃO



Figura 01: Anúncio de jornal publicando a entrada do Brasil na I Guerra. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/noticia/o-dia-em-que-o-brasil-entrou-na-primeira-guerra-mundial>>. Acesso em 05 de dezembro de 2015

O ano de 2017 marca o centenário da entrada do Brasil na I Guerra Mundial. Trata-se ainda de um fato pouco explorado, salvo por especialistas em história das guerras e afins.

Muitos, ao lerem o anúncio estampado na capa do jornal “Gazeta de Notícias” (Figura 01) pensarão que se refere à participação brasileira na II Guerra Mundial, uma vez que a atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) é bastante conhecida, tendo sido escritos diversos livros e até produzidos filmes sobre a heroica campanha dos *pracinhas* na Itália. Porém, é exatamente sobre a entrada do país ao lado da Tríplice Entente, naquela que foi, à época, chamada de Grande Guerra, que o periódico se refere.

Entre os anos de 1914 a 1918, a Europa foi palco de uma guerra sem precedentes na História: a I Guerra Mundial. O que se esperava ser, no início, um conflito rápido e sem maiores desdobramentos, resultou em uma luta sangüinária que ceifou milhões de vidas, envolvendo países de todos os continentes do globo, incluindo o Brasil.

O Brasil manteve-se neutro desde o início do conflito, em agosto de 1914 (MOURA *et al*, 2010). Entretanto, o afundamento de navios mercantes, por submarinos alemães, ocorridos ao longo do ano de 1917, fizeram com que o presidente brasileiro da época, Venceslau

¹O autor é 1º Tenente do Exército, formado na Academia Militar das Agulhas Negras em 2012, especialista em História Militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina e membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil

Brás, rompesse relações diplomáticas com a Alemanha em 11 abril de 1917 e viesse a declarar estado de guerra contra o Império Alemão em 26 outubro do mesmo ano.

O presente artigo visa a analisar a participação brasileira na I Guerra Mundial. O Brasil posicionou-se contra o bloco de países liderados pela Alemanha, contribuindo, mesmo que de maneira modesta, para o desfecho do conflito favorável para os aliados. Dessa forma, o país fez-se presente na guerra com a criação de uma divisão naval, com a participação de oficiais do Exército e de um grupo de aviadores e com o envio de uma missão médica militar à França (FARIA, 2015).

A pesquisa está desenvolvida da seguinte maneira: a guerra submarina dos alemães, levando aos ataques aos navios nacionais e a posterior declaração de guerra contra os germânicos; a participação militar brasileira, desde a criação da Divisão Naval de Operações de Guerra (DNOG) ao envio de oficiais do Exército Brasileiro e de aviadores, além de uma missão médica militar; e alguns comentários acerca das consequências da participação brasileira no pós-guerra.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A GUERRA SOB AS ÁGUAS DA ALEMANHA

No ano de 1917, a Europa encontrava-se desgastada por um conflito que já durava três anos e com baixas que ultrapassavam a casa dos milhões sem que fosse possível a visualização de uma paz duradoura que pusesse fim à guerra (LLOYDE *apud* MONTEIRO, 2014). Dentro desse contexto de falta de resultados significativos, a Alemanha intensificou a guerra submarina provocando grandes estragos nas

diversas marinhas de seus inimigos, com a utilização daquela que foi sua maior invenção durante a Grande Guerra: os temíveis *U-Boats*².

A estratégia naval germânica consistia em “romper o bloqueio dos aliados e, destruindo seus navios mercantes, restringir seu abastecimento” (BLANC, 2015, p. 54). Dessa forma, mesmo países que haviam se posicionado como neutros na guerra, porém que mantinham relações comerciais com integrantes da Tríplice Entente, corriam o risco de serem torpedeados pelos *U-Boats* alemães. Foi o caso de Brasil.

2.1.1 A ESCALADA DA CRISE: DO AFUNDAMENTO DE NAVIOS BRASILEIROS À DECLARAÇÃO DE GUERRA

Nos anos em que ocorreu a Grande Guerra, o Brasil era governado pelo presidente Venceslau Brás. Seu ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller era um descendente de alemães e ganhou a alcunha de *germanófilo* (BUENO, 2003). Economicamente, com a indústria ainda incipiente, era uma nação agroexportadora, com grande destaque para a produção de café, o principal motor da economia. Os principais mercados consumidores do país eram os Estados Unidos e a Europa, particularmente Inglaterra e França. Com o início do conflito, parcela da exportação brasileira foi destinada aos membros da Entente (MONTEIRO, 2014).

De acordo com o historiador Carlos Daróz (2016), não tardou para a guerra chegar a águas territoriais brasileiras, o que ocorreu ainda em agosto de 1914, quando o cargueiro de bandeira alemã *Santa Catharina*, após ser interceptado por uma embarcação britânica, afundou nas proximidades do Arquipélago de Abrolhos. Outras operações de guerra continuaram a acontecer em território marítimo

²Termo usado para designar um submarino alemão

brasileiro, ao longo do período da guerra.

O primeiro incidente envolvendo Brasil e Alemanha foi o afundamento do navio Rio Branco, em 3 de maio de 1916. Tratava-se de uma embarcação carregada de madeira que viajava em uma área marítima bloqueada pelos germânicos. O Rio Branco possuía bandeira e nome brasileiros, porém havia sido vendido no ano anterior à Noruega. A finalidade de envergar a flâmula do Brasil era de evitar os ataques dos *U-Boats* alemães. O episódio foi suficiente para o estremecimento das relações teuto-brasileiras e para o aumento da pressão da população para um posicionamento do Estado Brasileiro contra a Alemanha.

De acordo com o jornalista Marcelo Monteiro (2014), após o afundamento do Rio Branco, o passo seguinte na escalada dos desentendimentos foi o bloqueio que a Marinha alemã impôs aos seus rivais. Tal medida colocava em risco embarcações neutras que mantivessem comércio com esses países. O governo brasileiro emitiu um protesto formal e sucessivas notificações visando garantir a segurança de sua frota com destino à Europa. A opinião pública, nessa fase, passou do apoio à neutralidade para uma crescente reivindicação por um posicionamento brasileiro contra a Alemanha. Entretanto, as reclamações brasileiras não foram levadas a sério pelo governo teutônico.

O primeiro navio brasileiro a vir a pique foi o *Paraná*, na madrugada do dia 3 para o dia 4 de abril de 1917, após ser atacado por um torpedo do submarino UB-32. Neste episódio, morreram um maquinista e dois foguistas. Maior embarcação mercante brasileira, o *Paraná* carregava milhares de sacas de café com destino à França, navegando na costa francesa, próximo ao Cabo Barfleur. Estava, de acordo com Daróz (2016), “com todas as luzes acesas, a bandeira nacional hasteada em seu mastro e o nome ‘BRASIL’ pintado nitidamente em seu casco(...)”.

O rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha ocorreu oito dias depois do naufrágio do *Paraná*, no dia 11 de abril de 1917. Em diversos estados da federação, como no Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Minas Gerais, a notícia do rompimento com os alemães foi acompanhada por uma série de manifestações apoiando a decisão do governo e o, então, ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, demitiu-se do cargo e foi substituído por Nilo Peçanha (MONTEIRO, 2014). Como consequência, ainda, o governo brasileiro devolveu os passaportes de funcionários alemães no país.

O próximo navio nacional a afundar devido aos ataques provocados por submarinos germânicos foi o *Tijuca*, que veio a pique no dia 20 de maio, enquanto navegava em direção a Brest, na França, com carregamento de café. Um marinheiro veio a morrer afogado, os demais conseguiram escapar com vida do naufrágio. Após mais esse afundamento, aumentaram as represálias aos alemães que haviam imigrado para o Brasil, como a quebra de estabelecimentos comerciais e a apreensão de oficiais mercantes da Alemanha no porto do Rio de Janeiro.

A tensão cresceu ainda mais no dia 22 do mês de maio, com outro navio nacional afundado: foi a vez do *Lapa*. Com destino de Santos a Marselha, o *Lapa* também estava carregado de sacas de café, quando foi atingido por torpedo de um submersível alemão, nas proximidades do Cabo Trafalgar. Entretanto, neste episódio ninguém saiu ferido. Em fins de maio de 1917, era evidente o alinhamento do governo brasileiro com os Estados Unidos da América, que haviam declarado guerra à Alemanha no dia 06 do mês anterior.

O fim da neutralidade veio em 1º de junho daquele ano, por meio do Decreto nº 12.501, em que o governo “manda utilizar os navios mercantes alemães ancorados nos portos da República”, considerando-os como embarcações brasileiras, para serem utilizados de

acordo com as necessidades nacionais.

O estopim para a declaração formal de guerra entre o Brasil e o Império Alemão não tardou em acontecer. O *Macau* havia sido um dos 45 navios alemães que, conforme o Decreto supracitado, foram apreendidos no porto do Rio de Janeiro e era o primeiro deles que realizava viagem para a Europa, mais especificamente com destino à França. Possuía carregamento de café e de cereais. O navio era uma embarcação moderna, se comparada às já existentes em nossa Marinha Mercante, com poucos anos de uso. Foi atingido, em 18 de outubro, por um U-93 alemão, enquanto navegava pela costa europeia. Após todos os tripulantes terem conseguido embarcar nos botes salva-vidas, o comandante do *Macau* e seu taifeiro foram aprisionados pelos alemães, não tendo sido mais vistos. A repercussão de mais um navio brasileiro afundado foi o golpe final para a tomada de uma posição enérgica do governo. Após reunir-se no Catete com a cúpula do governo, o presidente Wenceslau Brás declarou formalmente guerra à Alemanha no dia 26 de outubro.

Uma semana após a declaração do presidente brasileiro, dois outros navios nacionais foram atingidos em represália: o *Guahyba* e o *Acary*. Por fim, ainda foram afundadas as embarcações *Taquary*, *Maceió* e *Uberaba*, todas no ano de 1918.

2.2 A PARTICIPAÇÃO MILITAR BRASILEIRA NA I GUERRA

A participação do Brasil na Grande Guerra foi modesta, porém o país não podia deixar passar incólume as agressões sofridas com os navios afundados pela guerra submarina alemã. Entretanto, não dispúnhamos de capacidade para enviar uma tropa considerável para o *front*.

No final do ano de 1917, as Forças Armadas do Brasil estavam com material e equipamento sucateados, impróprios e insuficientes para uma atuação

significativa na guerra. Por isso, apenas foram enviados à Europa uma Divisão Naval, uma missão médica militar e um grupo de aviadores e de oficiais do Exército.

2.2.1 A DIVISÃO NAVAL

Criada em 03 de dezembro de 1917, a Divisão Naval de Operações de Guerra (DNOG) tinha por finalidade de realizar o patrulhamento marítimo contra os *U-Boats* alemães entre Dakar, no Senegal e Gibraltar, no Mediterrâneo. A divisão estava sob o comando de Almirante Pedro Max Frontin e foi subordinada à Armada Britânica (MOURA *et al*, 2010).

A DNOG estava composta ao todo por oito navios, sendo: dois cruzadores, o *Bahia* e o *Rio Grande do Sul*, quatro contratorpedeiros, o *Piauí*, o *Rio Grande do Norte*, o *Paraíba* e o *Santa Catarina* e dois navios auxiliares, o *Belmonte* e o *Laurindo Pitta* (MONTEIRO, 2014).

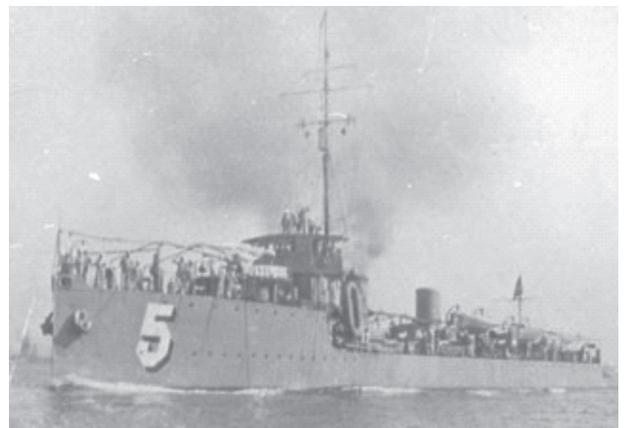


Figura 02: Contratorpedeiro Paraíba. Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/unico-latino-americano-participar-da-1-guerra-brasil-mostrou-despreparo.html>>. Acesso em 06 de dezembro de 2015

A frota era obsoleta, com diversas deficiências técnicas. Os armamentos antissubmarinos eram praticamente inexistentes e havia dificuldade em se conseguir carvão, para utilizar como combustível, tendo a necessidade de importá-lo da Inglaterra ou dos Estados Unidos. A DNOG zarpou de Fernando de Noronha no dia 31 de julho de 1918, com destino à cidade africana de Freetown,

quando foram incorporadas à Marinha inglesa. Permaneceram no porto por duas semanas, realizando reparos e se preparando para a viagem rumo a Dakar.

Um dia antes da chegada em Dakar, foi avistado um submarino alemão. Os cruzadores *Rio Grande do Sul* e *Bahia* abriram fogo. Em represália ao ataque brasileiro, o *Belmonte* escapou por poucos metros de um disparo do submersível alemão. Marcelo Monteiro (2014) afirma que dias depois veio um comunicado da Armada britânica informando que o *U-Boat* havia sido atingido.

Após a chegada ao porto em Dakar, prevista para ser rápida, ocorreu aquilo que foi responsável pela morte de mais de uma centena de marinheiros brasileiros: o surto de gripe espanhola. Ao todo, cento e cinquenta e seis vítimas foram registradas devido à doença.

A frota brasileira partiu de Dakar no dia 03 de novembro rumo ao seu destino final, em Gibraltar, quando deveria juntar-se com o navio inglês *Britânia*. Essa embarcação inglesa veio a ser afundada no dia 09 de novembro, antes de encontrar-se com a divisão brasileira. A DNOG chegou em Gibraltar no dia 10 de novembro. Um dia depois, foi assinado o armistício que poria fim à guerra. Apesar do término do conflito, a frota brasileira foi convidada a participar das comemorações pelo fim da guerra, retornando ao Brasil apenas em 23 de maio de 1919.

2.2.2 A MISSÃO MÉDICA MILITAR BRASILEIRA

A contribuição mais consistente do país na guerra foi o envio de uma missão médica militar à França. A missão foi criada em 10 de julho de 1918 e foi comandada pelo Coronel em comissão Nabuco de Gouvêia (MOURA *et al*, 2010). Contava com mais de cem brasileiros, entre médicos, farmacêuticos, civis e militares, além de praças do Exército para a segurança do Hospital Militar Brasileiro (HMB). Possuía capacidade para atender

até 500 enfermos.



Figura 03: Missão médica militar enviada à França durante a guerra. Disponível em: < <http://www.ahimtb.org.br/ahimtb/EBMB1GM.htm>>. Acesso em 08 de dezembro de 2015

O HMB foi instalado em Paris nas instalações de um prédio que fora um convento no centro da cidade e possuía capacidade para atender até 500 enfermos. Seus integrantes tinham como principal missão auxiliar no tratamento da gripe espanhola, atendendo tanto militares quanto a população civil. Além da capital francesa, a missão brasileira enviou médicos para serem destacados em outras regiões, como Marselha e Nice. Após o término da guerra, o Hospital Militar Brasileiro foi doado à Faculdade de Medicina de Paris. A missão médica foi extinta em 19 de fevereiro de 1919 (DARÓZ, 2016).

2.2.3 ENVIO DE OFICIAIS DA MARINHA E DO EXÉRCITO

Também foram enviados aviadores brasileiros para atuarem ao lado dos Aliados. Para os EUA, seguiram em 1918 dois tenentes e um suboficial da Marinha do Brasil, que, após concluírem o treinamento no Serviço Aeronaval dos EUA, realizaram missões de patrulhamento no Atlântico Norte. Outros 12 militares fizeram cursos de aviação na Itália; estes, porém, não chegaram a entrar efetivamente em combate. Finalmente, nove aviadores, oito da Marinha e um do Exército, após a realização de treinamentos na Inglaterra, participaram de missões de combate junto à *Royal Air Force*³, no Canal da Mancha, até março

do ano de 1919 (DARÓZ, 2016).

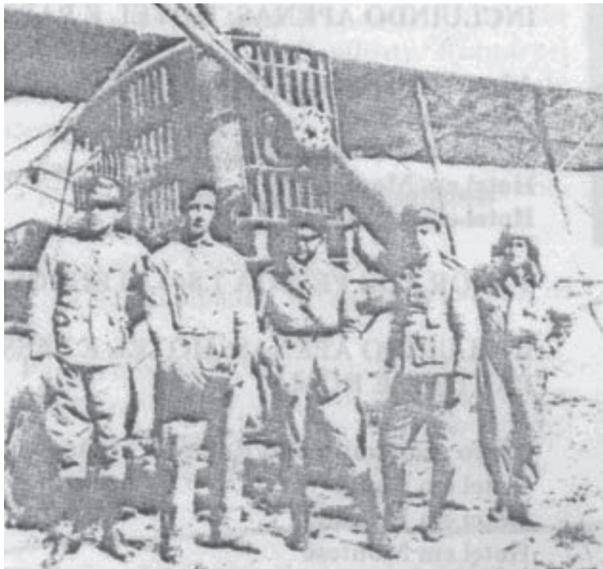


Figura 04: Oficiais aviadores na I Guerra. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/unico-latino-americano-participar-da-1-guerra-brasil-mostrou-despreparo.html>>. Acesso em 06 de dezembro de 2015

Outros oficiais do Exército foram mandados à França para atuarem como observadores. O caso mais famoso de brasileiro a combater efetivamente nos campos de batalha em missão oficial foi o Tenente José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. José Pessoa foi designado para comandar um pelotão do 1º Esquadrão do 4º Regimento de Dragões. Por sua bravura ganhou diversas condecorações internacionais, como a Cruz de Guerra do Exército da França e o grau de oficial honorário da Ordem do Império Britânico (MONTEIRO, 2014).

2.3 AS CONSEQUÊNCIAS DA PARTICIPAÇÃO NA GUERRA PARA O BRASIL

A I Guerra Mundial foi a grande mola propulsora para a industrialização do país. Para uma nação que era basicamente fundamentada no Setor Primário, a guerra provocou, por um lado, uma redução nos mercados consumidores dos produtos nacionais, particularmente o café. Por

outro lado, a indústria foi obrigada a tornar-se independente da importação vinda dos países da Europa envolvidos no conflito. Passou-se a produzir o que antes era importado, em um processo que ficou conhecido como *substituição das importações*.

Devido à sua atuação militar, o Brasil foi convidado a participar da assinatura do Tratado de Versalhes, em 28 de junho de 1919. Conforme abordado, Eptácio Pessoa foi o chefe da representação do Brasil. O país foi beneficiado em dois aspectos. O primeiro era a obrigação da Alemanha em pagar 125 milhões de marcos pelas sacas de café que foram destruídas com o afundamento dos navios, além disso, foi fixado ao Brasil um preço bem aquém, relativo aos navios alemães que haviam sido confiscados.

Com relação à contribuição para a doutrina do Exército, foi substituída a influência da doutrina alemã pela francesa. Ainda sobre o tema, o Coronel Cláudio Moreira Bento (2014) registra:

influência na contratação de missões militares francesas para a nossa Aviação Militar e para o Exército; a introdução de Blindados; a reformulação do ensino do nosso Exército, nos moldes da França; a idealização da construção da AMAN com suas mais caras tradições; a implantação de nossa Aviação Militar; a doutrina de emprego de gases e a atualização das doutrinas de Artilharia de Costa e Campanha, Infantaria, Cavalaria e Saúde.”

3 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a participação brasileira na I Guerra Mundial. O tema ainda carece de publicações relevantes sobre o assunto e a atuação do país na Grande Guerra é pouco conhecida.

Conforme abordado, o Brasil procurou

³Força Aérea do Reino Unido

ao máximo manter-se neutro em relação ao conflito. Entretanto, o sucessivo afundamento de navios nacionais, a entrada dos Estados Unidos no combate e a pressão popular levaram o, então, presidente Wenceslau Brás a declarar guerra à Alemanha.

A participação brasileira foi pequena, devido ao estado de despreparo em que as Forças Armadas se encontravam. Entretanto, criou-se uma divisão naval, que efetivamente teve um engajamento com submarinos alemães. Além disso, deve-se ressaltar o envio de uma missão médica militar à França, com mais de uma centena de profissionais, e a construção do Hospital Militar Brasileiro em Paris. Foram ainda enviados alguns oficiais para a Europa, merecendo louvor a atuação do então tenente José Pessoa, à frente de um pelotão do Exército Francês, o que permitiu a assimilação da doutrina francesa para a Força Terrestre.

A atuação do país na guerra possibilitou a identificação, entre outras, das seguintes oportunidades de melhoria na estratégia de defesa brasileira: a primeira, relacionada à constatação da defasagem tecnológica do parque bélico nacional; a segundo, com relação às dificuldades de formação de um contingente pronto para o combate e a terceira, no que concerne à vulnerabilidade de nossas embarcações frente a ataques submarinos.

Curiosamente, vinte e cinco anos após o rompimento das relações com a Alemanha, provocadas pelo afundamento do *Paraná*, o Brasil entraria em uma nova guerra, motivada pelos mesmos fatores, porém com bem mais experiência, e com uma participação de maior vulto: a II Guerra Mundial. Hoje, passados cem anos desses acontecimentos, resta aos novos historiadores militares a tarefa de tornar essa *longa jornada*, usando a expressão do historiador Carlos Daróz (2016), conhecida pelas futuras gerações.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cláudio Moreira. **O Exército e Marinha na I Guerra Mundial (1914-18)**. Disponível em : <<http://www.ahimtb.org.br/ahimtb/EBMB1GM.htm>>. Acesso em 08 de dezembro de 2015.

BLANC, Cláudio **I Guerra Mundial: uma história em imagens**. São Paulo: Online, 2015.

BRASIL. Decreto nº 12.501, de 1º de junho de 1865. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-12501-2-junho-1917-498852-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 29 de janeiro de 2017.

BUENO, Eduardo. **Brasil: uma História**. São Paulo: Ática, 2003.

DARÓZ, Carlos. **O Brasil a Primeira Guerra Mundial – a longa jornada**. São Paulo: Contexto, 2016.

G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/unico-latino-americano-participar-da-1-guerra-brasil-mostrou-despreparo.html>>. Acesso em 06 de dezembro de 2015.

Jornal GGN. Disponível em: < <http://jornalggm.com.br/noticia/o-dia-em-que-o-brasil-entrou-na-primeira-guerra-mundial>>. Acesso em 05 de dezembro de 2015.

KOSHIBA, Luiz & PEREIRA, Denise Manzi Frayze. **História do Brasil no contexto da história ocidental**. São Paulo: Atual, 2003.

MONTEIRO, Marcelo. U-93:A entrada do Brasil na I guerra Mundial. Porto Alegre: Besouro Box, 2014.

MOURA, Aureliano Pinto de... [et al]. **História militar brasileira II: período republicano: livro didático**. Palhoça: Unisul Virtual, 2010.